

## Missão Espiritana

---

Volume 23 | Number 23

Article 80

---

7-2013

# Testemunho de Ivo Rafael Silva

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espiritana>

---

### Recommended Citation

(2013). Testemunho de Ivo Rafael Silva. *Missão Espiritana*, 23-24 (23-24) Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espiritana/vol23/iss23/80>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

Escrevo estas palavras para vos confidenciar a estima e admiração que guardo pelo saudoso P. Arnaldo e também como comungo a vossa dor e saudade na oração da esperança.

A Igreja em Angola guardará em memória agradecida o desprendido servir da sua fundação pelo saudoso P. Arnaldo. Missão cumprida, nem tempo lhe restou para se demorar na espera como “servo inútil”.

Aceitai estas palavras como significado de íntima comunhão nos sentimentos da vossa gratidão e da esperança para, nos caminhos da obediência, servirmos até ao fim.

Viana do Castelo, 2006.XII.29

*P. Jorge Veríssimo*

## 15

### P. ARNALDO, UM SANTO...

Caro Domingos,

Fomos todos abalados com a notícia do P. Arnaldo.

Imagino a tua dor e a tua tristeza! Um Natal de lágrimas e de alegria!

As manifestações de carinho e de reconhecimento de que nos chegaram os ecos são a prova do apreço em que ele era tido. Estávamos diante de um santo sem o saber. Os missionários desta têmpera vão rareando!

Dá graças a Deus pelo irmão que tiveste e pelo santo que repousa em Deus.

Estou contigo. Um abraço.

*Pe. José Costa*

## 16

### TESTEMUNHO DE IVO RAFAEL SILVA

Foi no Santuário de Fátima, no dia 14 de Outubro de 2006, por ocasião da peregrinação anual das paróquias do Sr. P. Pedro Silva, que o reverendo Sr. P. Arnaldo da Rocha Ferreira Júnior, sabendo que era eu o secretário paroquial – com a sua graça dizia ele “o que sabia mexer lá nos computadores” –, me interpelou no sentido de o ajudar numa tarefa específica.

Falou-me da sua Missão de Kalandula, situada na província e diocese de Malanje, Angola, dos projectos que tinha começado e dos que pretendia começar. Entre estes, estava a criação de um laboratório de análises clínicas e a implementação de um sistema de energia solar. Falou-me da necessidade de escrever ofícios a pelo menos três instituições, nos quais faria uma exposição sucinta da Missão e das dificuldades sentidas por aquele povo, solicitando às destinatárias a ajuda que lhes fosse possível. Entre os seus pedidos estava um painel solar, que haveria de servir

a maternidade que ele próprio havia fundado sob o nome de “P. Libermann”. Duas dessas entidades eram a Associação Mãos Unidas P. Damião e a Associação Portuguesa de Amigos de Raoul Follereau. Coloquei-me imediatamente à disposição para toda a ajuda que entendesse necessária.

Alguns dias depois, o P. Arnaldo veio então ter comigo ao Cartório Paroquial. Trouxe, na mão, um CD com fotografias de Kalandula, e no pensamento o texto que deveria ser objecto de redacção. Fiz então, à medida que me ia ditando, os ofícios para as diferentes entidades, concluindo a tarefa com o respectivo envio postal, de que também me encarreguei. No final de tudo isto, apercebi-me da grandeza de espírito e do profundíssimo humanismo que caracterizavam a pessoa do Sr. P. Arnaldo, que na altura, com um gesto pleno de delicadeza e humildade, me fez sentir *pequeno* à sua beira. Quando não havia feito mais que pedir não para si mas para quem vive num contexto de miséria; quando não havia feito mais que empenhar-se na tentativa da solução de problemas e de situações de precariedade extrema vividos a tantos quilómetros de distância; quando não havia feito mais que lutar por um futuro melhor para a comunidade de que tanto gostava; ele, que estava no seu país para descansar e recuperar forças antes de regressar à sua missão, agradeceu-me humildemente a minha ajuda, como se a irrisória tarefa que fiz com muito agrado tivesse sido merecedora do seu agradecimento. Como se a nobre causa por si só não bastasse. E bastava, obviamente. Como pode, pensei eu, alguém que vive há anos nessa difícil, trágica, longínqua, turbulenta, quente e adoecida África, desprendido de quaisquer bens e de comodidades materiais, entregue tão simplesmente ao auxílio aos que pouco ou nada têm, passando por sacrifícios ao ponto de ter a própria vida em risco, vir agradecer-me agora a mim, em nome da ajuda a um povo que tanto sofre, por nada mais ter feito que escrever e enviar umas simples cartas? Nunca me senti, de facto, tão *pequeno* e tão insignificante diante de homem algum, como me senti naquele momento diante de tão grande ser humano! Foi até para mim, devo dizê-lo, como que uma certa reconciliação com os homens do nosso tempo, capazes, afinal, de tão grandes coisas, ao invés do comum exercício da soberba, da cobiça, do lucro cego e da indiferença com que tantas vezes nos deparamos nos dias de hoje.

Passaram entretanto algumas semanas e cada coisa seguiu o seu destino. Por um lado, as cartas, os pedidos que fizemos; e por outro, a saúde e a vida do Sr. P. Arnaldo. O “missionário da esperança e da resistência”, como foi apelidado, viria a adoecer gravemente, tendo acabado por falecer no dia 27 de Dezembro desse ano. E foi precisamente no dia seguinte, na sacristia da igreja de Recarei, nos momentos que precederam as exéquias fúnebres, que o Sr. P. José Manuel Sabença, na altura provincial dos Missionários Espiritanos, me deu a notícia de que aquele painel solar que uns meses antes havia sido por nós solicitado a uma instituição, estava já a caminho de Angola, a caminho da missão e do povo de Kalandula. Fora assim cumprido um dos últimos desejos do Sr. P. Arnaldo, tendo nós disso tido notícia no dia em que dele nos tivemos que despedir.



Conservo comigo o que de mais positivo poderia conservar da pouca mas riquíssima convivência que com ele ainda pude ter. E conservo uma lição de humanismo, de inesgotável amor ao próximo, e uma última imagem que fica e que jamais esquecerei. A imagem de um homem velhinho, que lança as sementes no desbravado terreno da esperança, e cujo fruto felizmente haveria de brotar e alimentar quem dele necessitava, ainda que na ausência física do seu zeloso, humilde e heróico semeador.

## 17 NÃO MORREU

Levanta o olhar para lá das nuvens  
Da tristeza e da saudade e solidão ...  
Verás que aquele que amas continua teu,  
Porque está vivo! ...  
Aconteceu...

Rasga o nevoeiro denso da amargura  
Com os faróis da Fé e da Esperança;  
Verás que aquele que amas continua teu,  
Porque está vivo!...  
Aconteceu...

E quando transpuseres da curva da morte  
Na caminhada vez para os Céus,  
Reencontrarás aquele que partiu e amas  
Eternamente vivo,  
Na Vida de Deus...

*Mário Salgueirinho*

*(poema no verso do cartão que o P. José Costa enviou)*